



MC 01. Alteridades urbanas em movimento: um exercício de deslocamento na cidade

Coordenador(es):

Rumi Regina Kubo (UFRGS)

Ministrantes:

Sessão 1:

Camila Braz da Silva (UFRGS)

Sessão 2:

Fabricio Barreto Fuchs (PPGPP/UFRGS)

Sessão 3:

Guillermo Stefano Rosa Gómez (UFRGS)

O deslocamento por meio da caminhada faz parte da experiência humana. Caminhar é produzir lugares, uma ação que se constitui como ato perceptivo e criativo. Caminhar na cidade é perceber cheiros, sonoridades, clima, imagens e temporalidades. Na pandemia, o deslocamento caminhante estende-se para outras formas, nos levando a refletir sobre procedimentos e estratégias em nossas pesquisas na urbe.

Coleções etnográficas e memória da pesquisa

Autoria: Guillermo Stefano Rosa Gómez (UFRGS)

Nessa fase atuaremos na mediação, estruturação metodológica e tessitura narrativa dos exercícios das/os participantes do minicurso, valorizando os diferentes universos de pesquisa, escalas e contextos de cidade e suas particularidades. Introduziremos noções de coleção antropológica e acompanharemos o resultado da criação de narrativas dos relatos de campo. As/os participantes serão estimuladas/os a utilizarem os mais diversos suportes imagéticos (escrita, fotografia, som, vídeo, desenho, etc) para a apresentação de suas coleções. Nosso intuito é estabelecer as bases de uma inteligibilidade narrativa dos percursos urbanos em cidades brasileiras. Para isso, enfatizamos as potencialidades da cidade enquanto criação literária, metáfora conceitual, memória e imagem na produção de etnografias multissituadas.

Deslocar-se para narrar nas (as) cidades

Autoria: Camila Braz da Silva (UFRGS)

Apresentaremos o campo temático que sustenta a abordagem antropológica de percursos citadinos, retomando um trajeto intelectual da antropologia visual e urbana brasileira e discutindo conceitos tais como o de etnografia de rua, errância urbana, deriva e nomadismo. Discutiremos a importância dos trajetos e itinerários urbanos para a resolução de insights de pesquisa, a partir de diferentes estratégias metodológicas, que combinam o uso de gravadores de áudio, câmeras fotográficas, desenhos, colagens, relatos escritos ou plataformas de mapeamento online. Nesse contexto, distintos projetos vinculados ao Núcleo de Antropologia Visual e Banco de Imagens e Efeitos Visuais (PPGAS/UFRGS) e de sua expressão na Revista Digital Fotocronografias serão nossa base formativa das possibilidades de narrar os deslocamentos urbanos a partir de imagens.

Produzindo um relato de cidade imaginada

Autoria: Fabricio Barreto Fuchs (UFRGS)



Caminhadas pela cidade parecem impensáveis em tempos pandêmicos, que coincidem com a ausência de uma política nacional clara de combate ao vírus. Essa situação global impôs transformações na vida em sociedade que incluem a realização de eventos acadêmicos, antes encontros e trocas presenciais, via remota. Assim, como projetar um minicurso centrado na experiência direta de caminhada alinhada aos pressupostos que viemos realizando no Navisual e BIEV? Propomos um exercício fundamentado em metáforas imaginativas que tomarão forma na confecção de um diário de percurso por essa cidade criada, recuperada da memória, desenhada, fotografada ou captada sonoramente. Tendo por base as tecnologias digitais de mapeamento e cartografia, importa dar sentido narrativo a uma experiência de errância, sem se afastar dos propósitos de pesquisa e de um campo conceitual.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: